

MARCADORES DISCURSIVOS INTERRUPTIVO- ARGUMENTATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Flávia Saboya da Luz Rosa
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mariangela Rios de
Oliveira
Doutoranda

Introdução

A partir dos estudos realizados em nível de mestrado, originando a dissertação *As expressões espera aí e espera lá na perspectiva da gramaticalização* (2012), percebemos que as construções analisadas, inicialmente relacionadas apenas ao subesquema *espera-Loc*, com suas variações morfofonêmicas, poderiam estar vinculadas a um esquema maior e mais abstrato, também chamado de macroconstrução. Este, a nosso ver, com base em Traugott e Trousdale (2013), deveria, então, instanciar outros subesquemas, ou mesoconstruções, que, por sua vez, determinariam novas microconstruções acionadas na execução da mesma, ou bastante semelhante, função discursiva: interruptivo-argumentativa.

Sendo assim, entendemos que *Xinterruptivo-Locativo* (XiLoc) representa o grande esquema, ou macroconstrução, em que Xi é a posição ocupada por verbos (V), nomes (N), interjeições (I) etc. que indicam, semanticamente, ao menos por meio de uma de suas acepções, interrupção (*i*) temporária ou definitiva de um ato. A posição Loc é preenchida por pronomes locativos, em especial, *aí* e *lá*. Os sintagmas e locativos

mencionados, que em um primeiro momento, de forma independente, relacionavam-se ao universo bio-psíquico-social, passam a compor unidade sintático-semântica com *status* de construção gramatical, exercendo função mais pragmática e atuando no discurso.

Adotando essa perspectiva, apresentamos por meio deste artigo a etapa inicial de um estudo em desenvolvimento sobre a produtividade da macroconstrução XiLoc na instanciação de marcadores discursivos interruptivo-argumentativos.

Aqui, mostraremos os resultados da investigação de algumas microconstruções que atuam como marcadores discursivos na interrupção de fala do interlocutor ou do próprio falante e subsequente acréscimo de informação, basicamente argumentativa ou reformulativa, em discursos do português brasileiro (PB). Também foram coletados dados do português europeu (PE), porém, neste momento, nos deteremos em seu quantitativo. A análise qualitativa dos dados do PE será realizada em fase posterior da pesquisa, de modo que possamos avaliar se as hipóteses levantadas a partir dos estudos no PB se confirmam também na variedade utilizada em Portugal.

Assim, seguimos com a investigação no acervo digital da revista *Veja* (edições de 11 de setembro de 1968 a 29 de maio de 2013) para verificar as características e a frequência dos marcadores discursivos interruptivo-argumentativos em uma das revistas de maior prestígio no país. A decisão de formar um *corpus*, referente à sincronia atual, coletado em textos da *Veja* deu-se por entendermos que os veículos jornalísticos têm sido não só formadores de opinião como também influenciadores no estabelecimento de padrões da língua. Logo, pareceu-nos bastante relevante observar o uso das construções em foco nesse ambiente discursivo.

Apesar de nosso objetivo final ser a realização de um estudo diacrônico sobre o uso desses marcadores discursivos, nessa etapa inicial, propusemo-nos investigar, em uma análise sincrônica, seus níveis de gramaticalidade, entendendo que a gramaticização – fenômeno de transição entre categorias linguísticas em uma perspectiva sincrônica (HOPPER; TRAUGOTT, 1993) – reflete a transição categorial em um plano diacrônico: a gramaticalização. Tal fenômeno, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), está incluído num processo mais abrangente, de construcionalização gramatical.

Na primeira seção deste artigo, dedicamo-nos à descrição dos níveis de gramaticalidade analisados usando a construção *espera aí* como modelo, por

entendermos que esta parece ser a construção mais elementar de *XiLoc* e que serve de base analógica para o surgimento de outras. Na segunda seção, apresentamos um breve estudo, dividido em subseções, sobre as construções que exercem função de marcador discursivo interruptivo-argumentativo, a saber, *espera aí*, *espera lá*, *calma aí*, *calma lá* e *alto lá*. Também são apontados os próximos passos da pesquisa, em que serão analisadas novas construções, além dessas aqui apresentadas, e será feita comparação quantitativa e, sobretudo, qualitativa entre as ocorrências do PB e do PE. Por fim, são feitas as considerações finais, em que aparecem nossas primeiras impressões sobre o estudo, realizado até o momento, das construções interruptivo-argumentativas.

1 Níveis de gramaticalidade

As construções consideradas lexicais são aquelas cujos itens fazem referência a elementos do mundo bio-psíquico-social. No dicionário Houaiss (2009, p. 1174), encontra-se como uma das definições do termo *lexical* aquilo “que simboliza o recorte do ambiente biossocial feito por determinada língua”.

A passagem de uma forma lexical para gramatical não ocorre de uma forma abrupta, mas passa por estágios que pertencem a um *continuum* de mudança. Assim, as construções consideradas híbridas, neste trabalho, são aquelas que se encontram em estágio intermediário nos níveis de gramaticalidade, compostas por elementos no trânsito categorial, no que se refere aos domínios do léxico e da gramática.

As construções consideradas gramaticais são aquelas pertencentes a estágio avançado nos níveis de gramaticalidade, cujos itens, em alta relação de dependência, formam uma nova unidade, que opera no nível pragmático-discursivo. São essas as construções consideradas aqui como marcadores discursivos interruptivo-argumentativos.

Essa tripartição referente aos níveis de gramaticalidade, nesta análise sincrônica, será relacionada, em etapa posterior da pesquisa, aos tipos de contexto, nos termos de Diewald (2002, 2006), atípico, crítico e isolado, os quais estão associados a estágios, cronologicamente ordenados, da origem diacrônica das funções gramaticais.

Por ser a construção de maior frequência no *corpus* e apresentar transições categoriais aparentemente mais definidas que as outras, entendemos que *espera aí* tenha servido de base analógica ao uso de *espera lá* e, posteriormente, a outras construções

associadas à macroconstrução XiLoc. Em *calma lá*, por exemplo, não são nítidas as relações metonímicas mais originais, por assim dizer, que concorreriam para a formação da construção, visto que quando se diz para alguém ficar calmo, não se especifica necessariamente o lugar em que isso deva ocorrer, até porque não é relevante, já que o objetivo fundamental seria conseguir que o indivíduo se acalmasse, seja lá onde ele estivesse. Essa composição entre o substantivo *calma* e o locativo *lá* é um exemplo de *mismatch*, nos termos de Traugott (2007b). Sendo assim, nesta seção, nos valeremos da construção *espera aí* como modelo para apontar diferentes níveis de integração sintático-semântica.

Nas construções lexicais encontrados no corpus, o verbo *esperar* indica estar à espera de algo/alguém, aguardar, durante período de tempo, e o locativo *aí* aponta o lugar em que se encontra o ouvinte.

No exemplo apresentado a seguir, é possível constatar que o verbo *esperar* é empregado como verbo lexical, ou pleno. David Crystal (2008) define o verbo pleno como aquele que expressa uma ação, um evento ou um estado, e o contrasta com o verbo auxiliar, que expressa significados gramaticais. No que se refere ao verbo *esperar*, interessam-nos as seguintes acepções encontradas no dicionário Houaiss (2009, p. 816): “2- não agir, não tomar decisões, não desistir de algo, até a efetuação de um evento que se tem por certo, ou provável, ou desejável; 3- estar ou ficar à espera de; aguardar”.

A análise dos dados, em que ocorre a construção *espera aí* em uso lexical, aponta para a ideia de não ação, de não continuidade, de estatismo e, sobretudo, de aguardo durante um período de tempo até que outra ação aconteça. O locativo *aí*, nessas expressões, também exerce papel de referenciador do mundo bio-psíquico-social, atuando como adjunto circunstanciador de lugar, em relação aos participantes do ato comunicativo. Observamos, referente ao pronome locativo, ou advérbio, *aí*, conforme consta nas gramáticas normativas e dicionários, as acepções que seguem: 1- Nesse lugar, em posição próxima da pessoa a quem se fala; 2- lugar perto do ouvinte, esse lugar. (HOUAISS, 2009, p. 76).

A seguir analisemos o exemplo A, retirado da transcrição de um telefonema grampeado, apresentado em uma reportagem:

A) Expedito – Oi

Luiz Antônio – Expedito?

Expedito – Oi

Luiz Antônio – Em dez minutos, eu tô chegando aí na frente do aeroporto. Me **espera aí** na frente, tá? (...)

Expedito – Tô te esperando aqui.

Luiz Antônio – Tá bom. (Veja, 27 set. 2006).

Pode-se perceber que os itens do arranjo analisado - *espera* e *aí* - apresentam certa independência sintática, semântica e morfológica. No trecho acima, o verbo em destaque é lexical, expressando um pedido de aguardo do locutor para seu interlocutor. O locativo *aí*, posposto ao termo *espera*, funciona como reforço na orientação espacial, formando, inclusive, um sintagma com os termos subsequentes: *aí na frente*, caracterizando, nos termos da gramática tradicional, uma locução adverbial de lugar. Vale mencionar que o sintagma referido é também empregado na oração anterior “tô chegando aí na frente do aeroporto”, o que corrobora a ideia de que não há forte relação de dependência com o termo anteposto *espera*. Focando na oração em que o arranjo foi destacado, pode-se dizer que o locativo *aí* atua como reforço catafórico da orientação espacial. Passemos agora ao exemplo B:

B) “Eu trouxe aqui um resumo do que quero dizer”, apressou-se Cauby Peixoto, tirando do bolso do casaco de couro umas folhas de papel amassado. “Aos senhores críticos da arte de cantar, da qual modestamente faço parte, venho mostrar este trabalho que chamo meu grito de vitória. Acredito que... **Peraí**, deixa ver pra onde vai.” Vira e desvira as páginas, suspende para a testa os óculos escuros e, atrapalhões à parte, nem mesmo assim é possível adivinhar-lhe a idade. (Veja, 18 jul. 1979).

Conforme foi dito anteriormente, a passagem de uma forma lexical para gramatical não ocorre de uma forma abrupta, mas passa por estágios que pertencem a um continuum de mudança.

O arranjo híbrido *espera aí* mantém o sentido do verbo pleno *esperar*, isto é, com o significado de aguardar alguém/algo durante certo tempo, ao passo que começa a ocorrer uma transferência de domínio, do universo bio-psíquico-social ao discursivo, já que a *espera* ocorre na expectativa de retomada do ato comunicativo. Nota-se também, nesses arranjos, dependência sintática e semântica, além de alterações morfofonêmicas,

que propiciam a formação de uma unidade. Por tais razões, esses arranjos são classificados como híbridos, pois, embora carreguem muito da carga semântica mais primária do verbo e do valor referencial do locativo, avançam, a partir da transferência de domínios e, sobretudo, pela formação de uma unidade entre os itens, para o *status* gramatical.

No fragmento acima, é possível concluir que o falante, Cauby Peixoto, ao empregar *peráí*, expressa o pedido para que seus ouvintes aguardem um momento até que ele encontre a folha correta para dar continuidade ao discurso. Nesse exemplo, é possível observar certa rigidez morfossintática do verbo, pois não há concordância número-pessoal - em se tratando de um pedido/ordem à terceira pessoa do plural, “vocês” - referente aos ouvintes, os senhores críticos da arte de cantar. Assim, percebemos que a forma *espera* (e suas variações morfofonêmicas), antecedendo o locativo *aí*, começa a fixar-se em termos morfossintáticos nesses contextos discursivos, pois já não apresenta a flexão própria e privativa da categoria verbal. Entendemos que, a partir desse estágio, o verbo já começa a adquirir junto ao locativo posposto novas relações sintáticas e semânticas, além de começar a ocorrerem alterações fonológicas.

Nesses arranjos híbridos, embora sobressaia a carga semântica fonte do verbo, esta já aparece transferida ao domínio discursivo, e o locativo passa a integrar junto ao verbo uma unidade coesa e funcional, cuja função discursiva resume-se em introduzir uma suspensão temporária do discurso, em determinado ponto, até que outra manifestação aconteça. Para tratarmos das construções gramaticais, observemos o seguinte exemplo:

c) VEJA – Diante de tantas frentes, qual seria o caminho para eliminação da censura?

BONI – Não, **espera aí**, o caso, não é acabar com a censura. Eu acho que a televisão, como veículo de massa, deve ser controlada de alguma forma. O mecanismo de vigilância, como eu já disse, é que ainda não se encontrou no Brasil. (Veja, 11 ago. 1976).

Esses arranjos, com status construcional mais avançado nos níveis de gramaticalidade, atuam no universo do discurso, e entendemos que exercem a função de

marcadores discursivos. Assumimos conforme Risso et al. (2006, p. 403) que os marcadores discursivos representam:

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

A exemplo da construção destacada em C, os arranjos gramaticais considerados marcadores argumentativos atuam na introdução de fatos, ideias, provas, entre outros, em objeção ou complementação restritiva do conteúdo de enunciados precedentes. Em geral, nas interações desse tipo, ao articular a expressão *espera aí*, o usuário não só interrompe a formulação discursiva de seu interlocutor – a sua própria ou ainda uma ideia veiculada - como também, e principalmente, posiciona-se diante do que foi colocado, acrescentando novas informações, que denotam geralmente oposição ou restrição ao que foi dito. Sendo assim, convencionamos denominar esses tipos de marcadores discursivos de interruptivo-argumentativos.

2 Marcadores discursivos interruptivo-argumentativos

Nesta seção, apresentamos a descrição e a análise dos dados pertencentes ao *corpus*. Expomos, então, o estudo das construções em subseções da seguinte forma: 2.1. Espera aí e espera lá; 2.2. Calma aí e calma lá; 2.3. Alto lá. A tabela seguinte contém o número de ocorrências totais, em ordem decrescente, de cada uma das construções mencionadas, e também discriminadas quanto ao caráter lexical, híbrido ou gramatical.

Devemos ressaltar que os diferentes registros ortográficos encontrados no *corpus* para expressar as construções *espera aí* (*espera aí*, *pera aí*, *perái* e *espere aí*) e *espera lá* (*espera lá* e *peralá*) foram aqui computados como uma única construção, representada pela primeira dentre as formas exemplificadas. As demais construções não apresentaram variações ortográficas.

Tabela 1: Frequência das construções no acervo digital da revista Veja

Construção	Número de ocorrências			
	l exicais	h íbridas	gra maticais	total
espera aí	0 2	0 8	57	67
alto lá	0 2	-	08	10
espera lá	0 1	-	05	06
calma lá	-	0 1	04	05
calma aí	0 1	0 2	01	04

2.1 Espera aí e espera lá

As microconstruções *espera aí* e *espera lá* podem ser consideradas instanciações da mesoconstrução ViLoc, que também possibilita o aparecimento de outras construções.

De acordo com os estudos que vêm sendo realizados pelo grupo Discurso & Gramática (D&G) com sede na Universidade Federal Fluminense, o *aí* tem apresentado maior tendência à polissemia e à gramaticalização do que os demais locativos. Esse fato aliado à, quase sempre, frequência mais alta das construções formadas com *aí* em nossa pesquisa leva-nos a concluir que a maioria dos arranjos formados com *lá* provenham das primeiras. Assim, é provável que *espera aí* tenha servido de base analógica para *espera lá*; *calma aí* para *calma lá*, entre outros.

Visto que na seção anterior já foram apresentados exemplos com a construção *espera aí*, nos deteremos nesta subseção a expor fragmentos em que ocorra a atuação de *espera lá*:

D) Não demorou muito e o estúdio da televisão foi invadido por Castor de Andrade, que trazia cinco ou seis capangas, todos armados. Castor foi para a frente das câmaras e disse: “Me falaram, Saldanha, que você teria dito aqui, agora mesmo, que eu

sou bicheiro...” Saldanha nem deixou Castor continuar: “**Espera lá**, Castor. Eu não teria dito que você é bicheiro, ou coisa parecida. O que eu disse, repito agora: você é bicheiro mesmo, um travesti de homem de futebol”. (Veja, 12 fev. 1969).

E) Chegou o Alkmin, acompanhado de várias pessoas. Ele era assim, despachava de pé, ia dizendo uma coisa para um, outra para outro. No grupo estava o Victor Costa, que era dono de uma cadeia de rádios. Alkmin lhe disse: “Você entra no carro e me **espera lá**”. O Victor Costa entrou, ficou sentado ao meu lado. Depois veio o Alkmin e lhe disse: “O seu problema está resolvido. Estou de pleno acordo. Se pudesse, até assinaria a portaria agora mesmo”. (Veja, 22 jul. 1992).

Em D temos um arranjo mais integrado e convencional de sentido e de forma, utilizado pelo jornalista João Saldanha, que intenciona cessar o discurso de seu interlocutor, Castor de Andrade, e então introduzir uma argumentação em resposta ao enunciado anterior. A expressão *espera lá* é resultante de um processo de gramaticalização, configurando mudança semântica e categorial, já que ocorre um deslizamento funcional da expressão que aponta para o mundo bio-físico – como no exemplo E – àquela que se detém ao domínio discursivo-pragmático, como um marcador discursivo. Note que, no fragmento D, o comentário “Saldanha nem deixou Castor continuar”, antecedendo a transcrição da enunciação do jornalista, contribui para o entendimento de que o marcador discursivo *espera lá* atua com função interruptiva na fala do interlocutor.

2.2 Calma aí e calma lá

Calma aí e calma lá são microconstruções vinculadas à mesoconstrução NiLoc. É interessante observar que o substantivo *calma*, nessas construções, é provavelmente um resquício da locução verbal *tenha calma*. A construção resultante é um pareamento de forma e significado que passa a atuar no âmbito pragmático-discursivo, como mostra o exemplo a seguir:

F) Às 12h30 de segunda-feira passada, deu-se o inevitável – na forma de uma rebelião de presos armados com revólveres, estiletes, facões de cozinha, facas e arames pontiagudos. [...] negociações foram ensaiadas até que, duas horas depois de desencadeado o drama, Luisão [Luís Camargo Wolffmann, diretor da Casa de

Detenção] abandonou sua linguagem cifrada para falar sem rodeios. “Não se preocupe com minha vida, vou morrer de pé”, disse Luisão, pelo telefone, ao delegado Omar Cassim, coordenador das penitenciárias estaduais, que estava na Casa de Detenção ao lado do secretário da Justiça, José Carlos Ferreira de Oliveira. “**Calma aí**, não queremos mais mortes”, retrucou Cassim. Os detentos exigiam que os dois helicópteros que sobrevoavam a prisão pousassem no teto do Pavilhão 2 para recolhê-los. Algumas autoridades cogitaram de autorizar o pouso, mas o secretário de Justiça encerrou a controvérsia: o pavilhão seria invadido. (Veja, 7 abr. 1982, p. 52).

Em F, a construção é utilizada para interromper a fala de Luisão e apresentar uma argumentação contra a sua ideia de “morrer de pé”, isto é, exerce a função gramatical de marcador discursivo interruptivo-argumentativo. Diferentemente, no exemplo seguinte, a expressão *calma aí* forma com o verbo *ficar* uma construção lexical, referente ao universo bio-psíquico-social, designando uma ordem:

G) Depois de espiar o movimento, o rapaz foi até o fundo da agência, onde estava um dos dois vigilantes do banco, e apontou sua arma de brinquedo. O vigia não reagiu. Entregou seu revólver 38 e abriu os braços. Com a arma verdadeira nas mãos, o rapaz berrou: “É assalto! É assalto!” Foi a senha. Imediatamente, os vinte clientes e os dez funcionários do banco colocaram as mãos para o alto. Outros dois rapazes entraram na agência e sacaram suas armas, desta vez, verdadeiras. Um deles, vestido com uma camisa vinho e suéter colorido, correu para o outro lado do balcão, onde ficam os caixas. Foi seguido pelo rapaz de óculos que anunciara o assalto. Enquanto eles retiravam o dinheiro dos caixas, o terceiro apontava a arma para os clientes e berrava: “Vamo todo mundo ficar quieto. Tudo quieto!” Uma cliente, sentada no outro extremo com um bebê, caiu no choro. Impaciente, o ladrão gritou: “Fica **calma aí**!” Os outros dois esvaziaram os caixas e juntaram-se a ele. Os três ladrões foram embora com o produto do crime. Três mil reais. (Veja, 16 out. 1996, p.50).

Note que a construção destacada em F, na função de marcador discursivo, permaneceria invariável em qualquer contexto – tendo em vista que o verbo, único elemento que poderia se flexionar, desaparece – já aquela de caráter lexical, em G, apresenta o adjetivo flexionado com a desinência do gênero feminino. Caso o

personagem fosse um indivíduo do sexo masculino, a enunciação seria modificada: “Fica calmo aí!”. Portanto, é perceptível que as construções gramaticais tendem a ser invariáveis, ao passo que as lexicais estão sujeitas à flexão. Observemos também a marcação discursiva exercida pela construção *calma lá*:

H) Em todo esse período que o senhor esteve no comando do COB, o Brasil continuou a ter um desempenho modestíssimo em Olimpíadas. Por que não foi possível reverter essa situação?

- **Calma lá.** O Brasil vem avançando. Saímos de três medalhas nos Jogos de Barcelona, em 1992, para quinze em Atlanta, em 1996, e hoje estamos em dezessete. Tenho me empenhado desde o início em conseguir mais dinheiro e estruturar programas de incentivo ao esporte. Agora, o COB não tem gerência direta sobre o desenvolvimento dos atletas. As confederações é que são responsáveis por isso. Elas são independentes. Têm seus gestores, que, por sua vez, escolhem seus técnicos e ditam os rumos de suas modalidades. Existe uma fronteira aí que eu não posso ultrapassar. (Veja, 5 dez. 2012, p. 22).

Note que, em H, o entrevistador faz duas afirmações negativas a respeito do comando de Carlos Arthur Nuzman no COB, ainda que a segunda esteja disfarçada em forma de pergunta: 1) o Brasil continua a ter um desempenho modesto e 2) não foi possível reverter essa situação. Imediatamente, para cortar a sequência de ataques, Nuzman vale-se da construção *calma lá* e, em seguida, apresenta a sua argumentação de defesa. Já no fragmento I, a função discursiva da construção não é tão clara quanto à anterior:

I) Jorge Rodriguez, presidente da Embratel, já foi favorecido pelo uso do grampo. **Calma lá!** Isso não é uma denúncia contra o executivo. Quando comandava a Avantel, empresa de telefonia mexicana, ele mandou fazer uma varredura telefônica. Descobriu-se que nas paredes de seu escritório existiam minúsculos gravadores. Ele ordenou que ninguém mexesse em nada e passou a utilizá-los a seu favor. De cara, teve conversas com seus subordinados cravando o valor da proposta de uma licitação bilionária. Eram números falsos, mas o concorrente confiou no que ouviu e perdeu o contrato. A brincadeira durou meses até o grampeador perceber que estava fazendo papel de palhaço. (Veja, 11 jul. 2001, p.32).

Poderíamos entender o significado do trecho que contém a construção tanto como “Tenha calma / fique tranquilo! Isso não é uma denúncia do executivo” quanto “Peraí! Isso não é uma denúncia do executivo”. Como a ideia a que se opõe a frase iniciada pela construção não está explícita, e sim inferida pelo locutor, não é possível garantir de forma categórica o propósito comunicativo do trecho. Sendo assim, por conta da ambiguidade que encerra, enquadramos esse uso de *calma lá* em estágio híbrido.

2.3 Alto lá

A microconstrução *alto lá* merece atenção especial porque representa uma instanciação, única até este momento da pesquisa, da mesoconstrução *IiLoc*. O termo militar *alto* é classificado como interjeição no Dicionário Houaiss (2009, p. 104) com a seguinte acepção: “voz de comando com que se ordena aos soldados que suspendam a marcha, parem de atirar etc. Ex.: batalhão, alto!”. É importante observar que o mesmo dicionário apresenta a etimologia da palavra de origem alemã: *halt*, do verbo *halten*, que significa “parar, deter”. A locução *alto lá*, consolidada no âmbito militar e policial, é equivalente a “pare, não continue”. Em uma reportagem da Veja, publicada em 17 de setembro de 2008, o título da matéria “**Alto lá**, em nome da lei” antecipa o tema a respeito de contraventores. Dessa forma, percebemos que a construção, em seu sentido mais original, faz referência a acontecimentos do universo bio-psíquico-social, conforme o exemplo a seguir:

J) Macedo e Buarque retomam a tradição de defesa da autonomia universitária nos mesmos moldes postos em prática por Pedro Calmon, reitor da antiga Universidade do Brasil – hoje UFRJ – de 1948 a 1966. Certa vez, durante uma crise estudantil, um policial armado tentou entrar na Faculdade Nacional de Direito e foi barrado pela coragem do velho Calmon. “**Alto lá**”, bradou o reitor. “Aqui só se entra com exame vestibular”. (Veja, 9 abr. 1986, p. 26).

No episódio contado no fragmento anterior, o então reitor Pedro Calmon impede a entrada de um policial e utiliza a construção *alto lá* para expressar verbalmente a sua ordem, o trecho transcrito em que aparece a construção equivaleria a

algo do tipo “Pare, não continue! Aqui só se entra com exame vestibular”. Agora, analisemos um exemplo em que há transferência de aplicação da construção do domínio lexical para o gramatical:

K) A inflação ensinou ao assalariado o que significa perder poder de compra. Se os primeiros meses depois do reajuste lhe dão uma sensação de folga, os últimos já são apertados – se não em deficit. Por isso há muita gente, neste momento, na situação do menino pobre, de nariz achatado contra a vitrina de doces. Você vê e ouve falar de ganhos no mercado de capitais e sente-se à margem: como multiplicar o dinheiro, a não ser tendo de sobra? **Alto lá:** não é bem assim. Você, por exemplo, tem suas reservas. Um dinheirinho guardado em banco ou mesmo em casa, para custear as próximas férias, uma doença súbita do caçula, o presente de aniversário do marido, a prestação semestral do apartamento, o conjunto de napa da noiva, o gravador de fita do fusca, as parcelas do imposto de renda, o diabo. São reservas, você dirá. Correto: mas por que mantê-las paradas? Impossível? Não – falta de hábito de investir. Porque é tudo uma questão de saber dosar os investimentos. E planejá-los. (Veja, 13 ago. 1969, p. 72).

Em K, a pergunta retórica “como multiplicar o dinheiro, a não ser tendo de sobra?”, na verdade, manifesta a afirmação de que não há jeito de fazer render o dinheiro sem que se tenha uma economia. A essa ideia o locutor se opõe lançando mão da construção gramatical *alto lá*, que não só refreia o pensamento anteriormente exposto como também introduz uma argumentação a favor daquilo que acredita no intuito de convencer o interlocutor. Desse modo, a construção *alto lá* exerce a função de marcador discursivo interruptivo-argumentativo.

2.4 Próximos passos

Dando continuidade a este trabalho, compararemos, por meio de análises quantitativas e, sobretudo, qualitativas, os dados recém-coletados da Revista *Veja on-line* (PB) e *Visão on-line* (PE), conforme a tabela abaixo:

Tabela 2: Frequência das construções nas revistas *Veja* e *Visão on-line*

Const ruções	PB	PE
	Revista Veja on-line	Revista Visão on-line
espera(e) aí	2580	37
espera(e) lá	352	24
desculpa(e) aí	216	-
desculpa(e) lá	22	42
escuta(e) aqui	158	-
calma aí	326	05
calma lá	691	09
alto lá	423	26

Nossos estudos apontam para novas instanciações da mesoconstrução, ou subesquema, VLoc. Observamos que as microconstruções *desculpa(e) aí*, *desculpa(e) lá* e *escuta(e) aqui* também exercem o papel de marcadores discursivos interruptivo-argumentativos nos textos das revistas supracitadas. Note que a possibilidade de flexão verbal foi indicada entre parênteses após cada verbo, pois no PE são mais evidentes as marcas flexionais, o que corrobora a ideia de que as construções no PB são mais convencionalizadas.

Além disso, estreitando ainda mais as relações entre funcionalismo e cognitivismo, pretendemos apresentar a hipótese de que há uma metáfora conceptual (Lakoff; Johnson, 2003) por nós definida, até o momento, como *Razão é Voz*, que não só motiva a criação e a convencionalização de expressões do português como também possibilita realizações não linguísticas a ela vinculadas. Propomos, ainda, que a figura de pensamento mencionada licencie ou favoreça o uso das construções interruptivo-argumentativas - objeto central de nossa pesquisa.

Considerações finais

A partir das análises aqui apresentadas, detectamos que, no português contemporâneo do Brasil, os pronomes locativos *aí* e *lá* pospostos a formas verbais, nominais ou interjetivas interruptivas integram, em articulações mais lexicais, híbridas ou gramaticais, as construções *espera aí*, *espera lá*, *calma aí*, *calma lá* e *alto lá*. As expressões com *status* construcional, em nível mais avançado de integração, configuram um todo sintático-semântico que articula referências não correspondentes à mera soma

dos sentidos de seus constituintes. Esse alto grau de integração entre os itens caracteriza um padrão construcional gramaticalizado, cujas funções aplicam-se ao domínio discursivo, em nível pragmático.

Entendemos que na configuração e no uso das construções atuam pressões metonímicas, no nível sintático ou associativo, que concorrem para a derivação ou abstratização do sentido tanto do pronome quanto do elemento anteposto. A atuação de tais pressões estruturais e conceituais concorre para que as construções estudadas cumpram função mais discursivo-pragmática.

Consideramos que as funções discursivas dessas construções são resultado de processos de construcionalização gramatical, de modo que seus constituintes não mais exercem seus papéis originais e independentes, mas atuam como uma unidade articuladora de nova função. Funcionam, portanto, como marcadores discursivos interruptores de ideia apresentada pelo interlocutor, ou ainda pelo próprio locutor, e introdutores de novos enunciados, que denotam basicamente argumentação ou reformulação.

A partir dos postulados de Hopper (1991), sobre as etapas da gramaticalização, identificamos neste estudo os princípios das *camadas* e da *divergência*. Em relação ao primeiro princípio, detectamos que as construções *espera aí*, *espera lá*, *calma aí*, *calma lá* e *alto lá*, embora apresentem formas distintas, podem desempenhar funções correspondentes, como marcadores discursivos interruptivo-argumentativos. No que se refere ao princípio da divergência, observamos que cada uma das formas mencionadas desempenha funções diferentes, aplicadas ao domínio bio-psíquico-social e a estágio intermediário de transferência de domínio, aqui chamado de estágio híbrido.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6th ed. Blackwell Publishing Ltd, 2008.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: _____; WISCHER, Ilse (Ed.). *New reflexions on grammaticalization*. Amsterdam: John benjamins, 2002.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: *Constructions all over – case studies and theoretical implications*. 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1/>>.

HIMMELMANN, Nikolaus. *Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?* In: _____; BISANG, Walter; WIEMER, Björn (Ed.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth e HEINE, Bernd (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. London: The university of Chicago press, 2003.

RISSO, Mercedes Sanfelice et al. Traços definidores dos marcadores discursivos. IN:

JUBRAN, Spinardi; KOCH, Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: UNICAMP, 2006.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In: *Cognitive linguistics* vol. 18-4 Berlin-New York: Mouton de Gruyter, p. 523-557, 2007b.

_____; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.